

CORREIO NO MUNDO

Révész Gábor via Wikimedia Commons



Péter Magyar quer reformar a mídia da Hungria

Magyar diz que vai suspender emissoras públicas na Hungria

Péter Magyar, primeiro-ministro eleito da Hungria, declarou nesta quarta (15) que vai suspender a transmissão de notícias de canais públicos no país até conseguir reformar a lei de mídia, estabelecer uma nova autoridade para o setor e assegurar a liberdade de imprensa no país. Ele espera tomar posse na metade de maio.

Derrotado nas eleições parlamentares de domingo (12) após 16 anos no poder, Viktor Orbán transformou a mídia do país em um instrumento de propaganda e clientelismo. Segundo análise do Repórteres Sem Fronteiras, cerca de 80% da imprensa do país está subordinada ao estado ou a oligarcas relacionados ao autocrata. "Todo húngaro merece um serviço público de mídia que transmita a verdade", disse Magyar.

Reformar lei de mídia na Hungria

"Precisaremos de um pouco de tempo para aprovar uma nova lei de mídia, criar uma nova autoridade reguladora e estabelecer as condições profissionais necessárias para que a mídia estatal cumpra efetivamente sua missão", disse o futuro premiê ao justificar a medida radical em entrevista à rádio pública Kossuth, veículo conhecido por receber Orbán semanalmente e não dar espaço a seus opositores.

Philippe BUISSIN/ União Europeia



Imprensa era considerada refém de Viktor Orbán

Ignorar imprensa foi estratégia de Péter

Dos tantos cuidados que tomou durante os dois anos de candidatura, ignorar a imprensa refém de Orbán foi um dos mais estratégicos. Seu canal de comunicação era o Facebook. Mesmo com menos seguidores, tinha quase o dobro de engajamento que Orbán. Reformar o setor, dizem especialistas, não será tarefa fácil. Há todo um mercado viciado na influência e também nos anúncios do governo. Na Polônia, que enfrentou algo parecido nos oito anos do partido PiS no poder, o primeiro-ministro Donald Tusk tem sua tentativa de normalizar o cenário contestada na Justiça.

Partido em vantagem no Parlamento

Magyar, por outro lado, terá maioria constitucional para governar. Seu partido, o Tisza, com mais de 53% dos votos, alcançou 138 das 199 cadeiras no Parlamento. É com esse peso que ele repetiu, nesta quarta, o pedido para que o presidente do país, Tamás Sulyok, renunciasse. "Eu disse ao presidente... que o povo húngaro votou a favor de uma mudança de regime".

Por José Henrique Mariante (Folhapress)

Fantoche

Empossado em 2024, Sulyok é visto como fantoche de Orbán. Magyar declarou que mudaria a Constituição para tirá-lo do cargo, se fosse necessário. Desaparelhar o governo em seus diversos níveis, como no caso da mídia e da imprensa, é uma necessidade não apenas para restabelecer o Estado de direito na Hungria.

Reformas

Só com as reformas o país terá acesso a cerca de 20 bilhões de euros em fundos da União Europeia que foram congelados por Bruxelas na tentativa de conter a "democracia iliberal" de Orbán. Metade do montante, relacionado a um pacote de recuperação econômica pós-pandemia, irá vencer em agosto.

Liberar recursos

Em contato direto com Bruxelas, Péter Magyar prometeu encaminhar as reformas rapidamente na tentativa de obter a liberação dos recursos antes mesmo das novas legislações, que incluem medidas anticorrupção, independência do Judiciário e liberdade universitária, serem aprovadas.

Benefícios

"Expliquei isso claramente a ela", contou Magyar, relatando o teor da conversa que teve com Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, na terça-feira (14). "Já havíamos deixado claro anteriormente que só podemos aceitar condições que sejam benéficas para o povo húngaro, para as empresas húngaras."

Negociações

A negociação com a UE deve passar pela liberação do empréstimo de 90 bilhões de euros à Ucrânia, parado por força de um veto de Orbán. Magyar declarou que pretende rever o veto, mas não a decisão de se opor à adesão do país em guerra ao bloco. Esse promete ser um dos primeiros pontos de atrito com líderes europeus.

Economia em crise

Além dos fundos congelados, o acesso a um empréstimo de 16 bilhões de euros do fundo de defesa da UE estará na mesa de Magyar para destravar o diálogo. A situação econômica da Hungria é uma das piores da Europa e ajudou a derrubar Orbán.

Por José Henrique Mariante (Folhapress)



Gabinete de Netanyahu vai analisar proposta do Hezbollah

Hezbollah propõe cessar-fogo a Israel

Trégua inicial proposta teria duração de uma semana

Por Igor Gielow (Folhapress)

O Hezbollah propôs uma trégua de uma semana a Israel a partir das 0h desta quinta-feira (16). A medida, anunciada pela TV ligada ao grupo fundamentalista xiita libanês Al-Mayadeen, será analisada pelo gabinete de Binyamin Netanyahu, segundo a mídia israelense.

Mantendo a tradição de negociar com pressão, o governo israelense disse que irá manter suas posições no sul do Líbano, o qual vem desocupando para criar uma zona tampão de sua fronteira até o rio Litani, que fica a uma distância máxima de 30 km do território israelense.

A região, disse o ministro Israel Katz (Defesa), é uma "zona da morte" para o Hezbollah, que historicamente ataca o norte israelense a partir de cidades e posições montanhosas por lá. O grupo já foi o mais poderoso preposto do Irã no Oriente Médio, mas está enfraquecido.

Segundo a Al-Mayadeen, a trégua foi informada por Teerã, que busca esticar o prazo de seu próprio cessar-fogo com os Estados Unidos - que lançaram uma guerra ao lado de Israel contra o Irã em 28 de fevereiro. O Hezbollah não chegou a divulgar comunicado.

Os combates cessaram na semana passada, mas o prazo dado por Donald Trump para um acordo acaba na próxima terça (21). O Irã recebeu uma delegação liderada por Asim Munir, chefe militar do Paquistão, país

que sediou a primeira e inconclusa rodada de negociações com os EUA, para enviar nova proposta de conversa com os americanos.

Segundo a agência Bloomberg, Teerã quer adiar em pelo menos duas semanas o fim da trégua. Na mesa estão itens espinhosos, como a manutenção de sua capacidade de produzir urânio enriquecido, que os EUA querem ver suspensa para evitar o risco de uma bomba atômica, e a livre navegação no estreito de Hormuz, ora obstruída por um duplo bloqueio iraniano-americano.

Já Netanyahu não incluiu o Hezbollah, grupo fundado em 1982 na esteira da ocupação do Líbano por Israel que durou até 2000, no cessar-fogo. Os fundamentalistas atacaram o Estado judeu logo depois do início da guerra atual.

Tel Aviv promoveu uma ação dupla. Primeiro, lançou os mais duros ataques contra o vizinho logo depois da trégua com o Irã, matando mais de 300 das cerca de 2.000 pessoas morta no conflito até aqui em um só dia.

Segundo, abriu negociações diretas com o Líbano pela primeira vez desde 1993, mas excluindo o Hezbollah. Na quarta (14) houve a primeira rodada de conversas, com mediação dos Estados Unidos, em Washington.

Para o Líbano, é uma oportunidade única, ainda que em meio à tragédia de ter visto a maior perda de moradores em proporção populacional neste conflito - foram 3.500 ataques ao Hezbollah por Israel até o momento.